

Formação docente: narrativas de uma professora em início de carreira

Suelen Ap. de Carvalho Rela¹
Renata Helena Pin Pucci²

Resumo: Este texto apresenta o recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento, financiada pela CAPES, que investiga, por meio de narrativas, os primeiros anos na docência de egressos do curso de Pedagogia de uma universidade comunitária do interior de São Paulo. Neste trabalho, apresentamos a narrativa de Tina, professora em início de carreira, que compartilha suas experiências e reflexões sobre os desafios da docência e sobre os caminhos formativos que marcaram sua trajetória. A construção dos dados ocorre a partir de narrativas escritas e orais, apoiadas em instrumentos da Pedagogia Freinet, que entende a escola como espaço de comunicação, criação, expressão e diálogo, favorecendo uma formação humanizadora. Os resultados apontam que a experiência vivida evidencia a docência inicial como um processo dramático, no sentido vigotskiano, no qual se entrelaçam sujeito, coletivo e cultura em constante tensão, mas também em contínua criação de novas formas de ser professora.

Palavras-chave: Narrativas; Formação inicial; Docência;

1. Introdução

O início da docência constitui um campo fértil de investigação por concentrar tensões, descobertas e experiências que marcam a constituição do professor. Diferentes estudos têm apontado que esse período é atravessado por sentimentos ambíguos: de um lado, entusiasmo, desejo de transformar e expectativas quanto à prática pedagógica; de outro, insegurança, medo do fracasso e dificuldades de adaptação às condições reais de trabalho. Nesse sentido, compreender a docência inicial é também compreender o modo como se tecem as relações entre formação acadêmica, início de carreira e desenvolvimento humano.

Este trabalho apresenta a narrativa de Tina, egressa do curso de Pedagogia em 2021, que iniciou sua trajetória profissional em meio à pandemia da Covid-19. A situação excepcional desse período não apenas modificou a dinâmica dos estágios supervisionados, mas também impactou a transição para a vida profissional, impondo novos desafios àqueles que estavam ingressando no campo educacional. O caso de Tina

¹ Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. suelen.rela@mail.usf.edu.br

² Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco. renata.pucci@usf.edu.br

evidência como crises e contratempos podem ser transformados em oportunidades de crescimento, desde que mediados pelo coletivo e por instrumentos culturais de reflexão.

O estudo insere-se em uma pesquisa de doutorado em andamento, financiada pela CAPES, cujo objetivo é investigar como egressos de Pedagogia de uma universidade comunitária do interior de São Paulo vivenciaram o início da carreira. Especificamente, busca-se analisar as tensões enfrentadas, compreender os modos como a formação inicial impacta a docência e identificar indícios de reorganizações identitárias no percurso profissional.

Do ponto de vista teórico, este trabalho ancora-se em duas perspectivas: a Pedagogia Freinet e a Teoria Histórico-Cultural. A Pedagogia Freinet (1975) compreende a escola como espaço de vida e de expressão, no qual a comunicação, a criação e a cooperação são princípios formativos fundamentais. Nessa perspectiva, a roda de conversa foi utilizada como dispositivo de partilha, permitindo que Tina narrasse sua trajetória de forma aberta e dialógica, conforme apontam Melo (2003) e Siste (2003). A Teoria Histórico-Cultural de Vigotski interpreta o desenvolvimento humano como um processo mediado social e culturalmente, atravessado por crises e reorganizações qualitativas da consciência e constitui-se em um importante referencial para tecer as análises.

O conceito de drama, na perspectiva de Vigotski (1998/2000), em especial, é mobilizada como lente de análise para compreender os episódios críticos relatados por Tina, revelando como as contradições vividas no início da carreira funcionam como motores de desenvolvimento. Assim, ao apresentar e discutir a narrativa de Tina, este trabalho busca contribuir para a reflexão sobre a formação docente inicial, ressaltando a importância de acolher as crises como parte constitutiva da docência e de valorizar os espaços coletivos de diálogo como ferramentas para a elaboração dessas experiências.

Percurso Metodológico

A pesquisa que dá origem a este trabalho ancora-se na abordagem narrativa, compreendida não apenas como técnica de construção de dados, mas como perspectiva epistêmico-metodológica para investigar os processos de formação docente. Conforme Clandinin e Connelly (2011), narrar e analisar histórias de vida constitui uma forma privilegiada de compreender como os sujeitos atribuem sentidos às suas experiências, já que toda narrativa é ao mesmo tempo pessoal e social, individual e coletiva. No caso da docência, as narrativas permitem acessar os modos como professores em início de carreira significam suas trajetórias, evidenciam dilemas e elaboram aprendizagens.

Especificamente, a investigação inspira-se nos princípios da Pedagogia Freinet, que valoriza os instrumentos de expressão, cooperação e criação como dispositivos pedagógicos e formativos. Entre esses instrumentos, a roda de conversa foi utilizada como espaço de construção dos dados, favorecendo uma escuta atenta e uma partilha horizontalizada. Nesse contexto, seis egressos da graduação em Pedagogia foram convidados a narrar seus percursos formativos e o início da docência em uma roda de conversa realizada no ano 2023. A roda foi realizada de forma virtual, com registro em áudio e vídeo que posteriormente foram transcritos. Como destacam Melo (2003) e Siste (2003), a roda de conversa cria um ambiente democrático de troca, em que a fala é reconhecida como lugar de elaboração da experiência, ao mesmo tempo em que se fortalecem vínculos coletivos e a consciência crítica.

Tal escolha metodológica possibilita compreender a docência inicial não de maneira linear, mas como processo dinâmico, tecido de crises, rupturas e reorganizações, no qual as vozes desses professores revelam a complexidade da formação profissional em seu entrelaçamento com as dimensões sociais, históricas e subjetivas da prática docente.

A narrativa apresentada neste trabalho, compartilhada na roda de conversa, é a de Tina, pedagoga formada em 2021, cuja trajetória é atravessada por episódios emblemáticos de tensões e reorganizações: o estágio em tempos de pandemia, as primeiras experiências como professora contratada em escola pública, o trabalho com inclusão de crianças com autismo e o convite para atuar também em clínica terapêutica. Esses episódios foram analisados à luz do conceito em Vigotski, entendida como expressão das crises e contradições que funcionam como motores do desenvolvimento humano (Vigotski, 1998/2000; Del Río, 2007).

Abaixo, apresentamos, a narrativa de Tina, a qual faz parte do processo de análise neste trabalho:

Sou formada em pedagogia pela *** e me formei no ano de 2021. Passei por um estágio em tempos de pandemia, o qual foi muito difícil para todos. No entanto, senti que fui amparada nos momentos em que mais precisei, e nas escolas que escolhi também.

Houve alguns contratemplos, como iniciar um estágio que não deu certo, então tive que trocar. Mas, no geral, a experiência foi significativa, pois aprendi que todas as experiências, sejam elas negativas ou positivas, nos trazem aprendizado. Talvez se não tivesse vivido algumas situações, teria deixado de aprender muitas outras coisas com muitas outras pessoas, pois enquanto estagiária e na época que não trabalhava na área da educação, foi um choque muito grande e me senti meio perdida, já que algumas amigas já estavam dentro da escola lidando com questões mais práticas e eu me senti meio perdida.

Hoje, trabalho como contratada pela prefeitura de ***** e estou com a minha primeira turma na escola do *****, composta por

crianças da 1ª fase. Esta experiência tem sido um aprendizado imenso para mim, pois é uma realidade totalmente diferente da que vivenciei durante o estágio. Desde o início, procurei extrair as coisas boas do estágio, porque acredito que a educação precisa de renovação. Se nos apegarmos apenas aos pontos negativos, não conseguiremos evoluir, pois nos prendemos a essas coisas e deixamos de vivenciar outras experiências. Durante meu estágio, trabalhei em uma escola pública com uma realidade diferente, onde havia engajamento dos pais e uma participação significativa da gestão escolar, sendo uma referência em educação infantil na cidade de *****. Agora, assumindo minha própria sala em um bairro periférico, me deparo com outras questões, o que me faz refletir sobre a natureza da educação.

A educação é algo que idealizamos, mas quando nos deparamos com a realidade, precisamos lidar com as questões trazidas pelas crianças e suas famílias, e pensar além das paredes da escola. No início da minha carreira, isso tem sido surpreendente para mim, mas procuro encarar essas situações como oportunidades de crescimento. Cada desafio que surge é uma chance de aprender e me movimentar para encontrar soluções. É triste ver colegas desistindo, mas cada dia que passo com as crianças, percebo a importância do meu trabalho e o impacto positivo que posso ter em suas vidas. A cada abraço, beijo ou demonstração de carinho, sinto a força e a gratificação do meu trabalho. Também tive a oportunidade de assumir a licença prêmio de uma professora logo após me formar em agosto de 2021, o que me permitiu permanecer na mesma escola onde realizei meus estágios. Esta jornada tem sido desafiadora, mas extremamente gratificante, e estou animada para continuar crescendo e contribuindo para a educação das crianças.

Durante o ano de 2022, fui chamada para trabalhar com inclusão na mesma escola onde trabalhava. Foi um período de muitas transformações, medos e inseguranças, e muitas vezes me senti tentada a desistir, achando que não tinha aprendido nada. Eu fui designada para trabalhar com uma criança de inclusão, um menino de quase cinco anos com nível de suporte três de autismo. Inicialmente, eu duvidei das minhas habilidades e pensei que não seria capaz de lidar com essa situação, mas a coordenação escolar me tranquilizou e me ofereceu apoio. Foi uma experiência desafiadora, porém extremamente gratificante. Ao longo do tempo, testemunhei as evoluções desse menino e o quanto ele se desenvolveu. No início, ele tinha uma seletividade alimentar muito forte e era agressivo, mas com o tempo, consegui ajudá-lo a superar essas dificuldades.

Uma das maiores vitórias foi vê-lo começar a experimentar novos alimentos e interagir mais com os colegas. A mãe dele, que é dona da clínica onde trabalho como auxiliar terapêutico atualmente, ficou impressionada com o progresso do filho e me convidou para trabalhar na clínica, baseada na experiência que tive com ele na escola. Durante todo o ano de 2022, trabalhei com ele, testemunhando suas conquistas e ajudando-o a se desenvolver. Ele começou a falar e a interagir mais, e eu sempre procurava encontrar maneiras de estimular seu desenvolvimento, como levá-lo para a biblioteca da escola, onde ele adorava os bonecos da Turma da Mônica. Em outubro, a mãe dele me convidou novamente para trabalhar na clínica, e dessa vez aceitei. Desde então, trabalho na clínica pela manhã e na prefeitura à tarde, onde continuo envolvida com a inclusão. Essa experiência me mostrou que sou capaz de lidar com desafios e me apaixonei pelo trabalho com crianças com necessidades especiais.

Há cerca de dois meses, iniciei com essa turminha após passar pelo processo seletivo. Antes disso, estava trabalhando em uma escola privada da cidade, também com uma criança de inclusão de nível 3 de

suporte, que tinha Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Esse foi mais um dos desafios que enfrentei, e que me fez refletir sobre o medo do novo. É importante destacar que muitas vezes nos assustamos diante do desconhecido e pensamos que não seremos capazes. No entanto, são justamente esses desafios que nos fazem evoluir. Eu percebi que aprendi muito mais com as crianças do que as ensinei. Hoje, me sinto mais preparada para lidar com diferentes situações, e vejo cada desafio como uma oportunidade de crescimento. Concordo plenamente com o que a colega mencionou sobre o olhar que temos diante das situações. Na área da educação, é comum encontrarmos profissionais com diferentes abordagens. Alguns podem se recusar a lidar com determinadas situações, enquanto outros, como eu, entendem que fomos formados para atender a todas as crianças. É gratificante reencontrar as famílias e receber o reconhecimento pelo trabalho realizado. Acredito que tudo se resume a ter um olhar diferenciado e buscar extrair o positivo, mesmo diante das adversidades, afinal, o mundo já está cheio de coisas ruins, não é mesmo?

2. O processo formativo de Tina

A trajetória narrada por Tina evidencia o caráter complexo e contraditório do início da docência. Formada em 2021, em meio à pandemia da Covid-19, sua primeira experiência como estagiária foi marcada por incertezas, já que a escola que deveria recebê-la ainda se reorganizava diante das exigências sanitárias. Esse episódio inicial, vivido como frustração, já anunciava a dimensão dramática de sua formação: a entrada em um campo profissional permeado por imprevisibilidades e por exigências que extrapolam o planejado. Conforme Vigotski (1998/2000), o desenvolvimento humano não se dá de maneira linear, mas em meio a crises e tensões que desestabilizam e, ao mesmo tempo, abrem a possibilidade de reorganizações qualitativas da consciência. Na perspectiva histórico-cultural, as crises representam momentos privilegiados de aprendizagem, nos quais o sujeito, apoiado em instrumentos culturais e no coletivo, elabora novas formas de compreender e agir no mundo.

Ao narrar esse momento, Tina afirma ter se sentido “perdida” em comparação a colegas que já trabalhavam na área, vivenciando, assim, um choque entre expectativas e realidade. Essa sensação de inadequação não deve ser lida como fracasso individual, mas como expressão de um episódio dramático constitutivo da docência inicial.

A passagem de Tina do estágio para o trabalho como professora contratada pela rede pública intensificou tais tensões. Ao assumir uma turma da educação infantil em um bairro periférico, deparou-se com desafios distintos daqueles vivenciados na escola pública considerada referência, onde havia maior engajamento das famílias e participação da gestão. O contraste entre contextos a levou a refletir sobre a natureza da educação,

destacando que “a educação é algo que idealizamos, mas quando nos deparamos com a realidade, precisamos lidar com as questões trazidas pelas crianças e suas famílias, e pensar além das paredes da escola”. Esse movimento evidencia o que Del Ríó (2007) interpreta como a dimensão histórica e social do drama: o professor não se forma isoladamente, mas no encontro com condições concretas de trabalho que o tensionam e o obrigam a se reposicionar.

Um dos episódios de sua trajetória, o qual ela narra como de grande importância e significado, foi a experiência com uma criança autista de nível de suporte três. Inicialmente, Tina duvidou de suas capacidades e afirmou que não conseguiria dar conta da situação. Entretanto, com apoio da coordenação, da inspetora e da família, reorganizou suas práticas, elaborou estratégias de acompanhamento e testemunhou avanços notáveis no desenvolvimento da criança — desde a ampliação do repertório alimentar até a maior interação social. A narrativa desse episódio revela bem o drama vigotskiano: o conflito interno entre insegurança e responsabilidade, atravessado por pressões externas e mediado pela cooperação coletiva, transformou-se em motor de desenvolvimento pessoal e profissional.

Ao descrever essa vivência, Tina afirma ter sido “picada pelo bichinho da inclusão”, revelando que o que começou como medo e resistência se transformou em campo de identificação profissional. O drama, nesse caso, produziu não apenas novas aprendizagens, mas uma reconfiguração de sua prática docente. Em sintonia com a Pedagogia Freinet, que defende a valorização das experiências vividas e a abertura ao diálogo como meios de formação, a trajetória de Tina mostra que a docência inicial é marcada por episódios que, quando narrados e elaborados coletivamente, podem se converter em experiências formativas densas e humanizadoras.

Outro ponto de destaque em sua narrativa refere-se à convivência com diferentes olhares sobre a docência no interior das escolas. Tina relata ter percebido que alguns profissionais se recusam a lidar com determinadas situações, enquanto outros assumem as dificuldades como parte da profissão. Ao afirmar que prefere encarar os desafios como oportunidades, a professora evidencia uma postura reflexiva e ética que se constrói no confronto com a realidade e que se fortalece na troca com colegas, famílias e crianças.

O percurso de Tina, portanto, não é apenas uma sucessão de acontecimentos, mas uma trama de crises e superação. Sua experiência indicia que a docência inicial é um processo dramático, no sentido vigotskiano: uma cena em que se entrelaçam sujeito, coletivo e cultura, em constante tensão, mas também em permanente criação de novas formas de ser professora.

3. Considerações

A narrativa de Tina evidencia que o início da carreira docente é um tempo de intensas aprendizagens, marcado por tensões, inseguranças e descobertas, demonstrando que, embora a formação inicial nem sempre prepare integralmente para os desafios da realidade escolar, ela fornece repertórios que, quando articulados com a prática, podem ser ressignificados e ampliados. Sua experiência confirma que o início da carreira constitui um momento formativo decisivo na constituição da docência. O contato com a inclusão, inicialmente vivido como desafio, transformou-se em potência, revelando a importância do apoio coletivo e da construção de redes de confiança entre professores, equipe escolar e famílias.

As narrativas, mobilizadas como recurso metodológico inspirado na Pedagogia Freinet, mostraram-se como um instrumento necessário para estabelecer a escuta dos professores, não apenas em início de carreira, possibilitando a reflexão crítica e o reconhecimento de seus percursos como espaços legítimos de produção de conhecimento.

Assim, compreende-se que valorizar a docência e os relatos de seus protagonistas não é apenas um exercício de memória, mas também uma estratégia de formação contínua. Ao escutar e compartilhar essas histórias, é possível fortalecer coletivos docentes, ampliar o diálogo entre universidade e escola e reafirmar a docência como profissão em constante movimento de criação, resistência e humanização.

4. Referências

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Narrative inquiry: experience and story in qualitative research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

DEL RÍO, P. Educación y evolución humana: contribución al debate ¿Qué teorías necesitamos en educación? *Cultura y Educación*, v. 19, n. 3, p. 231-241, 2007.

FREINET, C. **As técnicas de Freinet da Escola Moderna**. Trad. Silva Letra. 4ª ed. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1975.

MELO, L. M. de. Entrelaçando conhecimentos, construindo saberes. In: FERREIRA, G. de M. (Org.). **Palavra de professor(a): tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet**. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 113-126.

REGO, T. C.; BRAGA, E. DOS S. Dos desafios para a psicologia histórico-cultural à reflexão sobre a pesquisa nas ciências humanas: entrevista com Pablo del Río. **Educação e Pesquisa**, v. 39, n. 2, p. 509–540, abr. 2013.

SISTE, A. de F. Roda de conversa. In: FERREIRA, G. de M. (Org.). **Palavra de professor(a): tateios e reflexões na prática da Pedagogia Freinet**. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p. 87-92.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. COLE et al. (Orgs.). 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. S. (2000). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.